



**REPRESENTAR, INTERPRETAR Y CRIAR – UNA EXPERIENCIA DIDÁCTICA EN LA CÁTEDRA DE EXPRESIÓN Y REPRESENTACIÓN GRÁFICA - DAU/IT/UFRRJ**

TEMA: Docencia

SUBTEMA: Las pedagógicas para la Enseñanza de la Expresión Gráfica

**REIS-ALVES, Luiz Augusto dos - AUGUSTO FONSECA, Glauca**

[1] Faculdade de Arquitetura e Urbanismo -UFRRJ/IT/DAU- Universidade Federal do Rio de Janeiro  
reis\_alves@yahoo.com.br

[2] Escola de Belas Artes, UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, PUC – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, UERJ – ESDI - Escola Superior de Desenho Industrial da  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, UNESA – Universidade Estácio de Sá  
gluciaaugsto@gmail.com

**KEYWORDS:**

Visual elements, Graphic representation, Didacticism.

**ABSTRACT:**

The objective of this article is to present the didactic proposal developed in the discipline "Expression and Graphic Representation I" of the Graduation in Architecture and Urbanism of the Federal Rural University of Rio de Janeiro (UFRRJ). Analyze, synthesize and record the iconic historical buildings of Brazilian architecture built in Rio de Janeiro. Next, these drawings are references for plastic experiments in rereading works, under the principles of the "Triangular Approach", conforming a new contribution in the practice of the discipline, exploring the communicative and expressive potential, contributing positively in the construction and teaching of an urban-architectural graphic language.

**RESUMO:**

O objetivo deste artigo é apresentar a proposta didática desenvolvida na disciplina "Expressão e Representação Gráfica I" da Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), fundamentados pelo processo de "Abordagem Triangular" de Ana Mae Barbosa [1], discípula do pedagogo Paulo Freire. Inicialmente nas aulas práticas, os discentes analisam, sintetizam e registram os edifícios históricos icônicos da arquitetura brasileira construídos no Rio de Janeiro, desde uma planificação de fachada, perpassando por uma fachada perspectivada, chegando até mesmo a uma perspectiva de um conjunto edificado. A seguir, esses desenhos são referências para experimentações plásticas em trabalhos de releitura, sob os princípios da "Abordagem Triangular", conformando um novo aporte na prática da disciplina, evidenciando as características estilísticas arquitetônicas em termos de técnica de colagem e composição, baseadas nos princípios da Gestalt [2].



Abordagem Triangular – capa livro BARBOSA



## 1.- INTRODUÇÃO

O objetivo principal deste artigo é apresentar a proposta didática desenvolvida na disciplina “Expressão e Representação Gráfica I” da Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFRRJ, fundamentados pelo processo de “Abordagem Triangular” de Ana Mae Barbosa [1].

Evidenciamos o desenho como uma linguagem não verbal, seguindo com a definição dos elementos visuais básicos segundo Klee [3], Ostrower [4], Wong [5] e Dondis [6]. As práticas didáticas utilizadas, culminam no processo de releitura de um dos desenhos de observação *in loco*, baseado na “abordagem triangular”, de modo a trazer um novo aporte na práxis, de ensino da linguagem gráfica urbano-arquitetônica.

A linguagem por Chauí [7] como (...) “*um sistema de signos ou sinais usados para indicar coisas, para a comunicação entre pessoas e para a expressão de ideias, valores e sentimentos*” afirma que: sendo um sistema, uma totalidade estruturada, com princípios e leis próprios, é passível de ser conhecida; a linguagem (verbal e a não-verbal) tem uma função comunicativa; a linguagem indica signos que possuem uma função denotativa e, ao mesmo tempo, exprime pensamentos, sentimentos e valores, sendo neste caso, conotativa. Por essa reflexão, o desenho enquadra-se na linguagem não-verbal.

Selecionamos 4 (quatro) teóricos que trataram dos elementos visuais básicos: Paul Klee [3] em sua aula “teoria plástica da forma”, Fayga Ostrower [4] ao elencá-los como a linha, a superfície, o volume, a luz e a cor e, por fim, Dondis [6] que os define como o ponto, a unidade visual mínima, o indicador do espaço; a linha, o articulador fluido da forma; a forma, as básicas e todas as suas infinitas variações; a direção / o movimento; o tom, a presença ou a ausência de luz; a cor; a textura, óptica ou tátil; e, por fim, a escala / a proporção.

## 2.- METODOLOGIA

### A METODOLOGIA E OS OBJETIVOS DA DISCIPLINA.

A disciplina almeja 2 (dois) objetivos principais: (1) desenvolver a linguagem visual e a imaginação criativa através dos modos de representação gráfica, majoritariamente o desenho à mão livre e (2) aplicar técnicas de notação gráfica para o estudo, a análise, a modelagem, a representação, a abstração, a

manipulação, etc, dos objetos arquitetônicos, urbanos e paisagísticos.

## 3.- DESENVOLVIMENTO

Inicia-se a disciplina com uma abordagem teórica sobre o conceito de desenho, suas possíveis funções e os elementos visuais básicos. A teorização de cada elemento e a exposição do mesmo no âmbito não somente da escala arquitetônica, mas igualmente da paisagem, do urbano, expandindo-a até as outras manifestações artísticas como a pintura, a escultura, a instalação, etc, contribui para uma ‘abertura’ do campo a ser explorado ao longo do curso de graduação.

Nas aulas práticas, exercícios ‘clássicos’ com o objetivo de ‘treino da mão’ como a execução de infinitas linhas paralelas que preencham todo o papel, aqui são contextualizados a partir da cópia de referências gráficas de traços de arquitetos.

Ao virar de ‘cabeça para baixo’ gravuras a serem copiadas, assim atenta-se para as relações espaciais e não para os seus significados [8]. As relações cromáticas é facilitado pela produção do círculo cromático ao misturar as cores primárias nas próprias mãos aludindo a uma tarefa lúdica; as relações de proporção de natureza-morta de garrafas, maçãs, etc. são substituídos por sólidos que se comunicam com a Arquitetura, onde podemos também trabalhar questões referentes aos princípios da forma, formato, transformações, deformações, organizações espaciais e princípios de ordem [9]. (Fig.1)

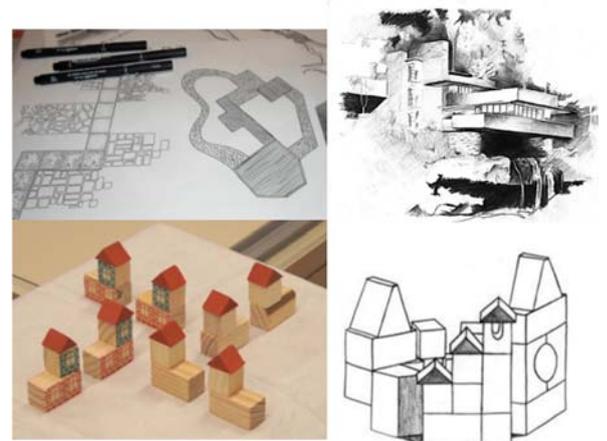


Fig. 1 - Exercícios - relações formais e espaciais, treino gestual, contraste tonal e texturas gráficas princípios da forma, formato, suas transformações, deformações, organizações espaciais e princípios de ordem.

A visualização racional dos objetos de modo a educar a percepção visual e



instrumentalizar o desenhar é proporcionada com a manipulação de pequenos sólidos físicos e execução a mão livre de suas vistas ortográficas. Assim, as figuras geométricas “controláveis”, tais como o quadrado, o círculo e o triângulo equilátero, os princípios ordenadores da forma, as transformações, possibilitarão a análise visual e, conseqüentemente, a representação da forma.

As relações de eixos, malhas, ritmos, etc. são explorados por meio de fotos onde os alunos utilizam-se das quadrículas para facilitar a visualização das relações de eixos e tamanhos e, em seguida, reproduzi-las, aumentando ou reduzindo. Após, as fotografias de edifícios paradigmáticos são projetadas em datashow sobre um quadro branco onde os eixos, as figuras geométricas “controláveis”, as proporções são riscadas sobre o quadro e, assim, os alunos representam as imagens. Por meio dessas experiências, notamos uma maior facilidade dos estudantes ao se defrontarem, muitos pela primeira vez, com a tarefa do desenho de observação *in loco*. (Fig.2)

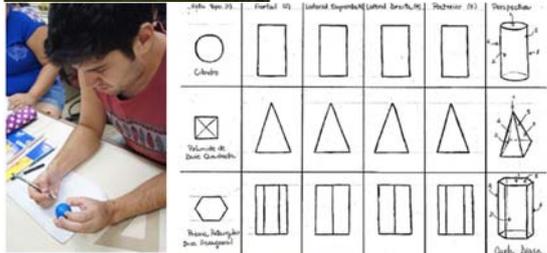
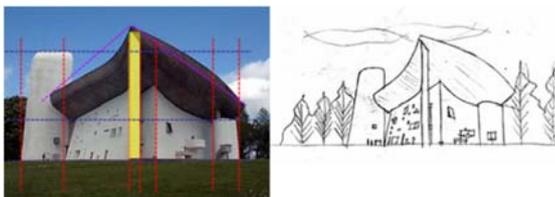


Fig. 2 - Preparação gradual dos alunos para a tarefa do desenho de observação *in loco*.

### AS AULAS EXTERNAS E A TAREFA DE REPRESENTAÇÃO, INTERPRETAÇÃO E CRIAÇÃO.

Geralmente, as disciplinas de ‘Desenho de Observação’ utilizam as aulas externas para a representação *in loco* de edifícios e espaços públicos e tratam o trabalho dos alunos como o produto final daquela tarefa. Almejávamos mais. Gostaríamos que essa tarefa servisse como um nó inicial de uma teia de conhecimentos a serem explorados. (Fig.3)

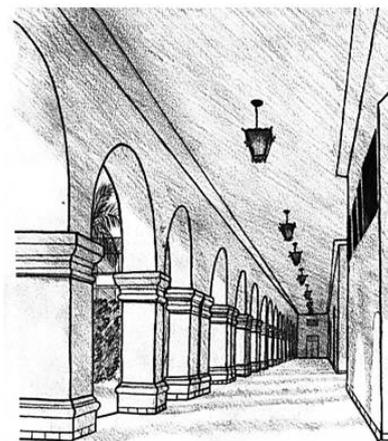
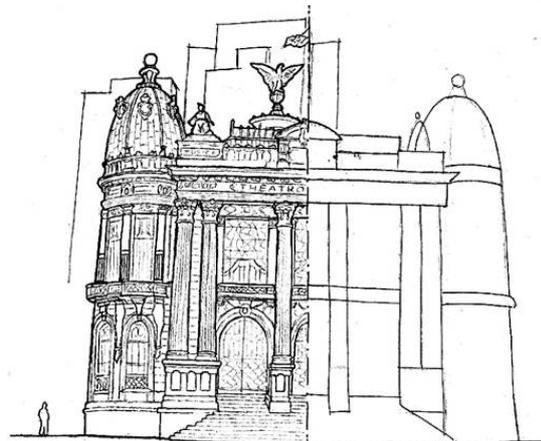
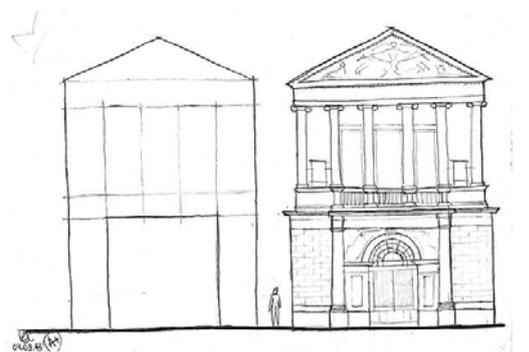


Fig. 3 - Truque *in loco*: (1) Perspectiva.

ção *in loco* (3)



Logo após a primeira aula externa acontecia uma exposição de obras pertencentes ao Vaticano no Museu Nacional de Belas Artes / RJ. Uma aula-visita, extra, foi organizada.

Foi então que um aluno perguntou em tom de proposta a mim e aos seus colegas: “- Por que não fazer um trabalho ‘mais artístico’ dos desenhos das aulas externas?” A partir daquele momento, nós, professor e alunos nos vimos em uma posição de coautores.

A partir dos desenhos desenvolvidos durante as aulas externas, os alunos deveriam escolher um edifício e propor uma releitura, escolhendo uma técnica e trabalhar os contrastes tonal e o cromático. Era necessário ainda estudar e optar por uma regra de composição (regra dos terços, seção áurea, série Fibonacci, etc.) juntamente com os princípios ordenadores do espaço. (Fig.4)



Fig. 4- Aula-visita ao museu e análise composicional da obra “Cristo como Salvator Mundi” de Leonardo da Vinci e assistente, exposta no MNBA, RJ.

Assim, o tema inicial (edifício *in loco*) foi lido (problematizado ao instigar o olhar e a reflexão), contextualizado e, por fim, ‘relido’ pelo ato do fazer artístico. O status da edificação de tema inicial passou a ser material de experimentação, contribuindo para o desenvolvimento da criatividade dos discentes. Baseamo-nos no processo de Abordagem Triangular proposto pela professora arte-educadora Ana Mae Barbosa [10]: (Fig.5)



Fig. 5- Triade da Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa (Fonte: Elaboração dos Autores, 2018).

- (1) A leitura das imagens no processo de educação do olhar e em todo processo de ensino/aprendizagem deve sempre partir de uma abordagem problematizadora instigando o olhar e a reflexão, respeitando as interpretações e os julgamentos dos educandos;
- (2) A contextualização de uma obra não tem a obrigatoriedade de limitar-se a biografia do artista ou a história da arte, mas também não as negamos quando estas são necessárias;
- (3) A prática artística deve tornar o processo de ensino/aprendizagem significativo, aplicando os conceitos estéticos e poéticos abordados durante a leitura e a contextualização.

A proposta estabelece relações com a pedagogia de Freire, qual seja: (1) leitura de mundo; (2) conscientização crítica a partir da contextualização da realidade; e (3) agir para transformar, ou seja, fazer. O pedagogo se valia de leitura de imagens com situações do cotidiano dos educandos para alfabetizar adultos em zonas rurais. As imagens eram acompanhadas por uma palavra geradora, por exemplo: a imagem de um menino em um contexto cotidiano com a palavra “menino” escrita logo abaixo. Essa imagem e palavra desconstruídas e decodificadas a partir de uma abordagem problematizadora, geravam outras ligadas ao contexto sociocultural, resultando



em diálogos reflexivos críticos sobre a realidade e as condições sociais vivenciadas.

A aplicação do processo da Abordagem Triangular iniciou-se com a tomada dos desenhos de observação como referências para experimentações plásticas. O desenho *in loco* do edifício é lido, interpretado e contextualizado em seu sítio (leitura da imagem e contextualização) e expresso graficamente (prática artística). Em sala, inicia-se novamente o processo de leitura da imagem, agora a partir do desenho, confronta-se com as características de cada estilo que se almeja evidenciar. A edificação de tema inicial passa a ser material de experimentação, corroborando para o desenvolvimento da criatividade dos discentes.

Finalizamos a disciplina com produção de um painel e apresentação oral de cada estudante ao destacar a justificativa de escolha do edifício e da composição concebida. (Fig.6)



Fig. 6 - Apresentação final dos trabalhos em forma de painel e defesa oral (Fonte: Foto dos Autores, 2013).

#### 4.- CONCLUSÕES PARCIAIS

O objetivo deste artigo foi apresentar a proposta didática na disciplina “Expressão e Representação Gráfica I” da Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFRRJ, baseados no processo de “Abordagem Triangular” de Ana Mae Barbosa [1]. Iniciamos o trabalho apresentando o conceito de linguagem, com destaque para o tipo não-verbal em que se enquadra o desenho, e selecionamos os principais teóricos que elencaram os elementos visuais básicos como um modo de construção de uma ‘sintaxe gráfica’. Em seguida, apresentamos o roteiro metodológico e os objetivos a serem alcançados na disciplina e respectivos trabalhos, com destaque para o trabalho proposto pelos próprios alunos na releitura dos edifícios do Patrimônio Cultural que foram outrora objetos de exercícios de desenho de observação *in loco*.

A presença dos princípios de contextualização, flexibilidade, objetividade, colaboração e exequibilidade são fundamentais durante o processo de ensino-aprendizado. O professor e os alunos de modo a realizarem uma tarefa colaborativa devem responder a uma série de perguntas, que seriam os elementos estruturantes da organização didática da aula e respectivas tarefas, quais sejam: Para que? (Intencionalidades e suas relações com os objetivos educativos); O que? (Conteúdo); Como? (Metodologia); Para quem? (Aluno-aprendente, colaborador); Quem? (Professor-mediador, facilitador, colaborador), O que? Como? Quem? (Avaliação), Com que? (Recursos didáticos), Quando? (Tempo na organização da aula) e Onde? (Lugares – Organização espacial da sala) [11].

Acreditamos que a experiência didática obtida na disciplina de “Expressão e Representação Gráfica I”, sobretudo a partir do 1º semestre de 2013, desde então aponta para um caminho de construção colaborativa do ensino-aprendizado da Arquitetura.

#### 5.- REFERÊNCIAS

[1] BARBOSA, Ana Mae. (2012). A Imagem no Ensino da Arte. São Paulo: Perspectiva.

[2] GOMES FILHO, João. (2004). Gestalt do Objeto: Sistema de Leitura Visual da Forma. 6 ed. São Paulo: Escrituras Editora.

[3] KLEE, Paul. (1997). Diários. São Paulo. Martins Fontes.



[4] OSTROWER, Fayga. (1983). Universos da arte. Rio de Janeiro. Campus

[5] WONG, Wucius. (1993). Princípios de forma e desenho. São Paulo.: Martins Fontes

[6] DONDIS, Donis A. (2003). Sintaxe da Linguagem Visual. São Paulo: Martins Fontes.

[7] CHAUI, M. (2010). Convite à Filosofia. São Paulo. Ática Editora., p.141

[8] EDWARDS, B. (1984). Desenhando com o Lado Direito do Cérebro. Rio de Janeiro: Ediouro.

[9] CHING, F. D. K. (2013). Arquitetura: Forma, Espaço e Ordem. São Paulo: Martins Fontes.

[10] BARBOSA, Ana Mae. & CUNHA (2010).

[11] VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Org.). (2008). Aula: gênese, dimensões, princípios e práticas. Campinas, SP. Papirus Editora.